



FEDERAÇÃO DE
ACADEMIAS DE
HISTÓRIA
MILITAR
TERRESTRE
DO BRASIL

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

365 ANOS DA GÊNESE DO EXÉRCITO BRASILEIRO

ANO 2013
ABRIL
Nº 52

GENERAL TELLINO CHAGASTELLES

**EX-DIRETOR DO GRÊMIO BENEFICIENTE DE OFICIAIS DO EXÉRCITO (GBOEx)
1949- 1969**

Cel Cláudio Moreira Bento

Historiador Militar e Jornalista

Presidente da FAHIMTB, do IHTRGS e da ACANDHIS



No transcurso, em 24 de maio de 2013, do 100º aniversário do GBOEX e no 52º aniversário da maior batalha campal travada na América do Sul, a batalha de Tuiuti, vencida pelo General Osório, evoco a vida e obra, pelas páginas do Informativo 'O Tuiuti', da Academia de História Militar Terrestre do Rio Grande do Sul, do General Tellino Chagastelles que dirigiu o GBOEx de 1949 a 1969, ou seja, por cerca de 20 anos .

Ele nasceu em 1897 e faleceu em 26 de junho de 1980 em Porto Alegre, aos 83 anos, ao tempo em que éramos instrutor de História Militar na AMAN junto ao seu falecido filho e nosso distinto amigo Cel Cav QEMA José Cláudio de Castro Chagastelles.

O General-de-Brigada R-1 Tellino Chagastelles, foi competente, enérgico e admirado ex-professor de Álgebra do CMRJ (1946-48) e da Escola Preparatória de Porto Alegre, a EPPA. Dentre as múltiplas funções que exerceu, o lugar de destaque que passou a ocupar, ainda em vida, na História da Previdência Social no Brasil e na gratidão da família militar brasileira, foi assegurado pela sua seriedade, firmeza, honestidade, espírito público, desinteresse e descortino com que dirigiu, de 1949-69, o Grêmio Beneficiente dos Oficiais do Exército (GBOEx), aberto ao mundo civil em 1965 por sua iniciativa.

Seu honrado nome nesse período foi penhor de segurança e principalmente de certeza para os associados do GBOEx e beneficiários potenciais dos quais ele, com seu carisma e energia, velava pelo geral interesse.

O General Tellino nasceu em Porto Alegre e era filho do general Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz e D. Perpétua das Chagas Telles, filha dos barões de Candiota. Eram seus irmãos os engenheiros Jaymino e Luizio que construíram o farol na confluência dos rios Negro e Amazonas; Anina, esposa do General Rômulo Telles Pessoa e Amelina, esposa do Almirante Cícero Marinho.

O general cursou a Escola Militar do Realengo, sendo colega de turma, entre outros, dos Marechais Odylio Denys, Gustavo Cordeiro de Farias e Olympio Falconière da Cunha. Saiu aspirante de Cavalaria, indo servir no Rio de Janeiro, no 1º RGG (atual Dragões da Independência de Brasília). Cursou, depois Infantaria e Engenharia, indo servir em Porto Alegre e, no meio civil, cursou, ainda, Engenharia Civil.

Em 1920, como capitão, atuou na Bahia no combate aos jagunços¹, tendo servido depois em Pelotas no 9º Regimento de Infantaria, atual 9º Batalhão de Infantaria Motorizado, o Regimento Tuiuti, que denomino de “Regimento de Sampaio”.

Ainda como capitão, serviu na Carta Geral (1936-38), sendo efetivado na Arma de Infantaria.

De 1939-55 atuou como professor de Álgebra na Escola Preparatória de Porto de Alegre, tendo respondido por seu comando por diversas vezes como coronel mais antigo. Tinha as medalhas de 40 anos de bons serviços, Marechal Trompowsky e do Mérito Militar no grau de Comendador.

Foi pecuarista desde 1934, na Fazenda Mangueira de Pedra, em Arroio dos Ratos - RS. Foi um dos fundadores do Montepio da Família Militar, Banco Duque de Caxias e Banco Sul-Brasileiro (conta nº 1). Em 1964-65 foi interventor da CEF-RS.

O General Tellino, modelar e querido chefe de família, foi casado com D. Olga Castro Chagastelles de cujo casamento nasceram o Cel Art R-1 Ary Castro Chagastelles, casado com Célia (Borba) Brossard Chagastelles; Ten Cel Cav R-1 Derk Castro Chagastelles, casado com Dea Mariath Chagastelles; Cel Cav QEMA José Cláudio de Castro Chagastelles, casado com Vera Lúcia Montedonio Chagastelles e Maria Helena, casada com o ex-Capitão Eng Arinos Martins Pinto, nosso colega de curso da Arma de Engenharia na AMAN e, juntos, servimos na 6ª Cia de Comunicações em São Leopoldo em 1956-57.

Tellino deixou ao falecer 14 netos e quatro bisnetos.

O General Tellino, cujos serviços prestados, particularmente, à previdência da família militar do Exército, por dever social e espírito de classe, é um exemplo a ser seguido por todos quantos no Brasil têm responsabilidade na condução dos negócios ligados à Previdência Social.

Ele veio ao mundo e escreveu uma bela bela história de exemplo cívico a ser seguido.

Estudamos na EPPA em 1951-52 ao tempo em que ele era professor de Álgebra e o abordamos em nosso livro em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis intitulado **História do Casarão da Várzea 1885-2008**. Resende: AHIMTB/IHTRGS, 2008.



¹ O presidente Epitácio Pessoa usou tropa federal para poder cumprir a lei e assegurar a posse de José Joaquim Seabra na Presidência da Bahia em 1920.

O então Cel Tellino foi comandante da EPPA em 1952 em substituição ao General José Dantas Arêas Pimentel que foi promovido a General. (Fonte: **Revista da EPPA** da Turma Cel Frota de 1952, p.66).

A IMPORTÂNCIA DOS COLÉGIOS MILITARES: PASSADO, PRESENTE E FUTURO

(extrato, válido para o Brasil)

(Texto oriundo de Portugal) - Antonio Eleutério Sucena do Carmo, Sargento-Chefe do Exército Português

“Se você acha que a educação é cara, experimente a ignorância”

Lema do Ministério da Educação de Singapura

Existem em Portugal três estabelecimentos de ensino secundário que são tutelados pelas FAs, isto é, pelo Exército, e se distinguem profundamente, no seu funcionamento, de todos os outros existentes no país e dependentes do Ministério da Educação ou outras entidades civis e religiosas.

São eles o Colégio Militar (CM), o mais antigo a ser criado, no ano de 1803, pelo Marechal Teixeira Rebelo e um dos mais antigos do mundo; o Instituto de Odivelas (IO), fundado em 1900 pelo Infante D. Afonso, irmão do Rei, e destinado a alunos do sexo feminino; e o Instituto Militar dos Pupilos do Exército (IMPE), criado pelo novel regime republicano logo em 1911, destinado a filhos de sargentos e praças (e também oficiais). Foi seu fundador o general António Xavier Correia Barreto, ao tempo ministro da guerra.

Não vou falar-lhes da história dos três colégios, mas vou tentar salientar a importância da sua existência no passado e no presente, fazendo a ponte para a sua necessidade no futuro. Nas conclusões procurarei aduzir algumas das ameaças que se perfilam à sua continuidade.

A razão primeira que justificou a existência de colégios com características militares foi o apoio social aos filhos dos militares, cujos pais estiveram afastados das suas famílias por motivos de serviço. Este apoio era consubstanciado na existência de um estabelecimento de ensino que lhes ministrasse o ensino primário e, sobretudo, o secundário. Não menos importante, permitia que os órfãos de militares que tivessem falecido em serviço, não ficassem desvalidos.

Com o decorrer dos tempos a vivência em ambiente militar permitiria, mais facilmente, despertar vocações para a carreira das armas. É por demais evidente, que esta vivência em ambiente militar obriga a uma tutela militar e é por isso que desde o início da sua criação os colégios foram integrados no Exército.

Outra das grandes virtudes dos colégios militares – permitam que assim englobe e trate, os três – tem a ver com o fato de procurarem uma instrução e educação completa e abrangente, dos seus alunos. Isto é, não se limitam a ministrar conhecimentos técnicos e culturais, estão também preocupados com o desenvolvimento físico (mente sã em corpo sã), na sua formação moral, sem esquecer o religioso, e na sua educação cívica. Outro aspecto importante: ensina-se e pratica-se a liderança. E pasmem leitores, ainda hoje continuam a instilar nos alunos o amor pela a sua Pátria!...

Finalmente, toda esta vivencia, ainda por cima em ambiente militar, obriga ao estabelecimento de regras e disciplina próprias, que harmonizam a liberdade e individualidade de cada um com o bem-estar de todos. Tudo isto gera uma “ordem”. Esta ordem liberta mais do que oprime.

Em conclusão, as razões e a importância dos colégios militares não desapareceram e mantêm-se nos dias de hoje; constituem-se alforjes de futuras elites de que o país é muito

carente; mantêm uma qualidade de ensino e formação, muito acima da média do país, garantindo quase 100% do acesso ao ensino superior e ao emprego, aos seus finalistas.

Arrisco-me mesmo a dizer mais: a importância é hoje em dia acrescida, já que a consciência cívica anda pelas ruas da amargura; a dissolução da família tradicional é patente e a qualidade do ensino é marcada pela primazia das estatísticas, a ignorância encartada e o facilitismo militante.

Ora não parecendo terem cessado as razões que levaram à criação e manutenção dos colégios militares, poderíamos concluir que eles estão de pedra e cal e o seu futuro não corre perigo.

Os CMs não se limitam a transmitir os conhecimentos técnicos inerentes aos programas aprovados pelo Ministério da Educação: ministram formação militar adequada à idade dos alunos (e ao contrário do que pensam algumas luminárias da nossa praça, isso não lhes faz mal algum), e pretendem formar o indivíduo no seu todo, físico, moral e intelectual. Já me esquecia, é também uma escola de chefes e de patriotismo...;

Os CMs apresentam uma taxa de sucesso de candidaturas à Universidade, que ronda os 100%;

Nos CMs não se aceitam fraquezas de carácter. Os CMs acarinham as tradições, têm lemas, códigos de conduta, brasões e mantêm estreitos os elos com os ex-alunos.

Os CMs atravessaram todas as conturbações políticas e sociais dos últimos 100 anos (e foram muitas), mas preservando a sua personalidade, passaram incólumes por todas elas;

Nos CMs não há greves, trabalha-se e há disciplina; professores e alunos vão às aulas, existe ordem; aos alunos é-lhes oferecida ampla escolha de atividades, existe liberdade; o acompanhamento é constante, há pois controle e ninguém é inimputável, por irresponsável; avaliam-se os resultados, afere-se o conhecimento; enfim, são Escolas a sério, em qualquer parte do mundo;

Nos CMs todos – militares, professores, funcionários civis, alunos e ex-alunos – fazem parte da família colegial e mantêm-se irmanados pelo mesmo ideal;

Numa palavra, os alunos não se limitam a Estar, ao contrário, São, e se é verdade que o objetivo número um do ensino visa a mudança de comportamentos, os CMs representam o expoente máximo deste conceito.

Perante isto, o que valem os colégios, cuja mais valia é lançarem no mercado de trabalho ou nos cursos superiores, umas dezenas de cidadãos com uma formação acima da média, e que tanta falta fazem ao nosso país?

Deixo-vos com Hipócrates (460-374 A.C.):

“Há verdadeiramente duas coisas diferentes: saber e crer que se sabe. A ciência consiste em saber; a ignorância consiste em crer que se sabe”.

A AHIMTB/RS cumprimenta o Sargento Sucena, Membro-Efetivo da FAHIMTB, pela clareza e relevância de seu texto.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel

Presidente da AHIMTB/RS

- Academia General Rinaldo Pereira da Câmara -

Vice do IHTRGS

lecaminha@gmail.com